QUATRO PILARES ESSENCIAIS PARA PESQUISA CIÊNTÍFICA

Patrícia Lacerda de Carvalho
UFPB - Universidade Federal da Paraíba
Programa de Pós Graduação em Administração
patricialacerdc@hotmial.com

Antônio Deusany de Carvalho Júnior
INSPER – Instituto de Ensino e Pesquisa
USP – Universidade de São Paulo
dj@ime.usp.br

Resumo

O artigo busca elucidar quatro pilares relevantes na elaboração de pesquisas científicas em Administração, utilizando-se de um Ensaio Teórico. Objetivando assim proporcionar um diálogo sobre a escolha do paradigma, epistemologia, teoria e o método empregados em pesquisa científicas, cujo em muitas oportunidades são tratados de maneira dissociada. Nesse contexto, buscou-se trazer à tona reflexões sobre a base filosófica da pesquisa, até que ponto o pesquisador tem influência nos resultados do estudo, como conseguir defender diante da comunidade acadêmica que Administração de fato é uma Ciência; e de que forma esses quatro pilares podem diminuir as limitações dos estudos na área de Administração. Visto que, ao buscarmos uma pesquisa robusta, elaborada com rigor desde a sua concepção, majora a capacidade de resistência a qualquer fonte externa, ou seja, a qualquer comentário, opinião e ponderação que seu trabalho não tem relevância no meio acadêmico e para sociedade. Logo, de maneira prática, esse ensaio apresenta pensamentos sobre como se pensar em pesquisa e alguns caminhos que podemos seguir. Entendendo que sensibilizar os leitores para as muitas maneiras pelas quais as pesquisas podem proporcionar uma maior contribuição a área seja o melhor percurso para dar maior visibilidade a uma área tão rica, multidisciplinar e importante para a Ciência, dentro e fora da academia.

Palavras-chave: Pesquisa em Administração. Paradigma. Epistemologia. Teoria. Método.

QUADRO PILARES DA PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO

1 INTRODUÇÃO

Seria possível alinhar paradigma, epistemologia, teoria, método e epistemologia nas Ciências Sociais, mas precisamente na área de Administração? Percorreremos esse ensaio teórico dialogando sobre a união desses quatro pilares, de que maneira podem se encadear na construção de uma pesquisa robusta e que traga benefícios para ciência, principalmente se tratando da Ciência da Administração, em que estuda os complexos fenômenos sociais em constante transformação. Porém, nessa perspectiva, a objetividade, trabalhada nas outras ciências, acaba sendo um conceito abstruso para as pesquisas nas Ciências Sociais, porém quando trabalhada pondo fronteiras entre a objetividade, valores e a pesquisa é possível proteger o essência da ciência empírica, conforme Douglas (2011).

Porém, as teorias em Administração não têm tido muito avanço, fazendo com que alguns autores questionem sobre a sua evolução (SUDDABY; HARDY; HUY, 2011). Hassard, Cox e Rowlinson (2013) pontuam a necessidade de "desafiar o campo" e "renovar o estoque de teorias que atualmente empregamos. Logo, Mantere e Ketokivi (2013) vêm afirmar que essa atualização nas teorias teria um importante objetivo acadêmico de justificar novos conhecimentos no campo científico da Administração. Em suma, os autores apontam uma necessidade de nos tornarmos mais atentos e auto reflexivo em relação ao processo de criação das nossas pesquisas e da sua importância para comunidade científica.

Nesse contexto, fomentar o debate sobre a cientificidade da pesquisa em Administração torna-se o principal foco desse ensaio, no qual buscou trazer reflexões pertinentes da área que precisam ser mais dialogadas. Primeiro, como fazer pesquisa sem entender o que é um Paradigma? Como se constitui? De que forma é pensado cientificamente? Perguntas como essas são essenciais para se construir ciência. No segundo momento, observar que a Epistemologia está presente na prática da pesquisa científica em administração, de forma que a maioria das teorias da organização ainda são usada pela gestão contemporânea. Ponderando que, mesmo intrinsicamente, não pontuada no texto, reconhecer qual construção epistemológica é base para construção do discurso é essencial para se compreender os resultado.

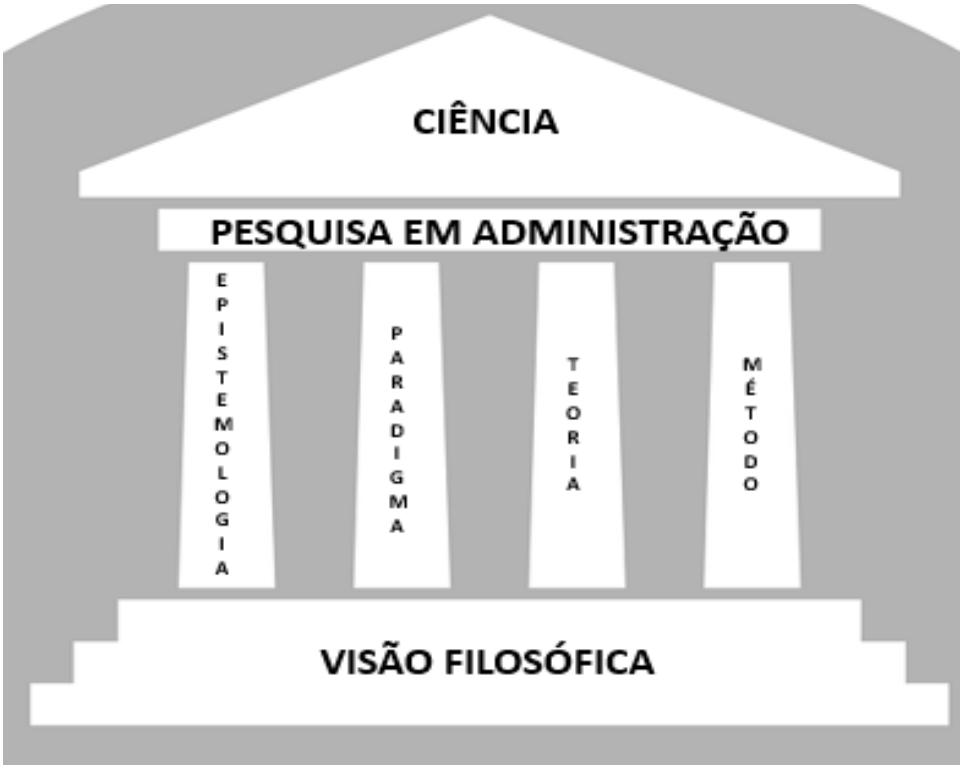
O terceiro passo é compreender que, as implicações metodológicas, das várias posturas filosóficas em que se baseia a pesquisa em Administração, são essenciais para elaboração de uma boa reflexão. Em outras palavras, o estudo dos critérios epistemológicos são fundamentais na constituição do conhecimento científico (DUBERLEY; JOHNSON, 2015). Se realmente queremos novas teorias, precisamos buscar a originalidade e refletir sobre a natureza da tarefa metodologia (HASSARD; COX; ROWLINSON, 2013).Buscando um saber mais detalhado, metodologias mais precisas, poderia ser um início de chegar cada vez mais próximo da realidade?

De tal modo, entendendo que a Ciência Social não funciona como uma comunidade fechada, divorciada da sociedade que estuda, nem deveríamos querer uma separação tão completa que o ideal livre de valores pareça exigir, o processo social da ciência é central para a objetividade de seus resultados (DOUGLAS, 2011). Portanto, há uma preocupação não apenas com a diversidade dos participantes, mas também com a natureza do discurso empregado. Assim, gerando controvérsias sobre a explicação científica, na qual vêm ocorrendo há décadas dentro da filosofia da comunidade científica (BOUWEL; WEBER, 2011).

Assim, o artigo busca elucidar esses quatro pilares, já mencionados no início deste texto, cujo são relevantes na elaboração de pesquisas científicas em Administração, utilizando-se para esse fim um Ensaio Teórico. Fazendo mister ressaltar que, o maior objetivo dessas reflexões é proporcionar um diálogo sobre a escolha do paradigma, epistemologia, método e teoria empregados em pesquisa científicas, cujo em muitas oportunidades são tratados de maneira dissociada.

A seguir, a Figura 1, representa o esboço de como o texto foi pensado, tendo a visão filosófica como base para qualquer pensamento científico, no qual para se construir uma pesquisa em Administração, que seja considerada Ciência, precisa estar amparada pelos quatro pilares: paradigma, epistemologia, teoria e método.

Figura 1: Quatro pilares da pesquisa em Administração



Fonte: elaborado pelos autores.

Em busca de conseguimos que as pesquisas em Administração sejam consideradas pela comunidade acadêmica de ato como "Ciência", entendemos que precisamos obedecer a cada pilar na construção de uma ideia, estudo ou pesquisa; a fim de construir algo robusto que concatene todos os pontos de forma paralela. Percebendo que, uma falha, limitação ou não observância de algum ponto comprometerá o objetivo de conduzir o conhecimento científico de maneira plena, eficiente e eficaz. Atingindo diretamente o seu rigor e a sua relevância para comunidade em geral.

O ensaio está estruturado nas seguintes seções: essa introdução; a cientificidade da administração; o paradigma no campo da ciência da administração; epistemologia e administração; e, reflexões sobre métodos e teorias em administração.

2 A CIENTIFICIDADE DA ADMINISTRAÇÃO

Quanto a cientificidade da Administração Mattos (2009) e Damke, Walter e Silva (2010) corroboram com uma linha de pensadores que a considera uma ciência, pois consegue compreender, explicar e prever os fenômenos que ocorrem nas organizações, mesmo entendendo que o fato da existência de múltiplos paradigmas e teorias a torne suscetível de incertezas.

Adicionalmente, os autores Serva (2014) e Faria (2012) vem agregar o debate e discutir sobre a questão da cientificidade da administração diante do viés epistemológico. Conforme os autores supracitado há um interesse crescente da comunidade científica da administração na construção de uma epistemologia específica nesta área, em busca de uma epistemologia única.

Podemos pontuar que algumas comunidades não consideram a administração como ciência, devido a mesma se utilizar de conhecimentos da Psicologia, Economia, Antropologia, entre outros, contudo há pesquisadores que a considera como uma Ciência Social Aplicada (DAMKE; WALTER; SILVA, 2010). Nesse sentido, defendo que não é pelo fato de se utilizar de conhecimentos desenvolvidos em outras ciências que a Administração não possua características próprias de cientificidade, visto que esses conhecimentos já existentes são reaplicados em um contexto diferente, trazendo novos resultados e descobertas ricas para o campo de estudo. De tal modo, jogo a seguinte indagação: **Se defendemos hoje que o conhecimento quanto mais dialogado entre as áreas mais robusto são seus resultados, porque retroceder no caso das "Ciências da Administração", que desde o seu início buscou na interdisciplinaridade a riqueza do conhecimento?**

Além disso, Damke, Walter, Silva (2010) alegam que a característica multidisciplinar e multifacetada que leva os estudos organizacionais à fragmentação não pode ser considerada fator determinante para descaracterizar a Ciência da Administração, visto que sendo a administração uma área do conhecimento que trabalha com variáveis sociais em constante mutação, é compreensível admitir que essa ciência é fragmentada por natureza e por necessidade de abarcar os fenômenos que a envolvem, justificando a seleção de novas maneiras de gerenciar tais variáveis (DAMKE; WALTER; SILVA, 2010).

Os autores supracitados ainda na buscaram verificar que a administração é uma atividade científica relacionando os critérios de demarcação de ciência de Popper, Kuhn e Lakatos e as teorias da administração. Pontuando que estudos dessa área são passíveis de falseamento empírico, conforme o falseacionismo sofisticado de Popper; que a administração atende aos pressupostos da ciência paradigmática de Kuhn, apesar de não existir consenso sobre em que etapa se encontra; e que se adéqua aos moldes dos programas de pesquisa apresentados por Lakatos (DAMKE; WALTER; SILVA, 2010). Assim, podemos até aceitar que a fragmentação da administração dificulta a efetiva consolidação do status científico dessa área, já atribuído a outras áreas das Ciências Sociais, porém admitindo que já estamos tratando de uma Ciência.

Depois de tudo que foi exposto podemos refletir quanto a existência da **"Ciência da Administração"**, visto que suas principais contribuições representaram e representam um importante desenvolvimento para sociedade, principalmente para as organizações. Entretanto, entendemos que há um longo caminho a percorrer em busca da ampliação de seu rigor metodológico e da sua maturação; as organizações necessitam do apoio de uma inteligência diretiva que, atualmente, se pode denominar de administrativa.

Considerando o valor dessa ciência, torna-se imprescindível incitar, nos meios acadêmicos, os debates de natureza epistemológica, assim como a responsabilidade que a comunidade acadêmica deve ter no sentido da construção do conhecimento lógico e racional, rejeitando o relativismo radical, intencionando, dessa forma, a construção de leis gerais ou, no mínimo, a busca por predições relativamente concretas e acertadas no sentido de desenvolver e consolidar a administração como ciência (DAMKE; WALTER; SILVA, 2010).

3 O PARADIGMA NO CAMPO DA CIÊNCIA DA ADMINISTRAÇÃO

Vamos começar abordando como se aproximar da realidade paradigmática do campo da Ciência da Administração. Burrell e Morgan (1979) em sua obra trouxe os paradigmas funcionalista, interpretativista, humanista radical e estruturalista radical, o qual causou um enorme impacto no campo ao definir os pressupostos meta-teóricos que sustentam as principais posições teóricas e metodológicas, trazendo desdobramentos e debates importantes aos Estudos Organizacionais.

O modelo de Burrell e Morgan (1979) concedeu um mapa epistemológico para explicar as várias alternativas paradigmáticas discutidas na literatura, oferecendo uma estrutura explicativa para as diversas dicotomias teóricas estabelecidas na sociologia e na teoria organizacional. Seu modelo oferecia diretrizes para entender os pressupostos na base da orientação teórica de uma comunidade acadêmica. No entanto, como os autores consideram os seus quatro paradigmas como fenômenos "auto exclusivos", tal posicionamento levantou questionamentos filosóficos de incomensurabilidade e relativismo.

A evolução de um paradigma deve ocorrer ao mesmo tempo do enfraquecimento do existente, entendendo que cientistas de paradigmas concorrentes possuem visões de mundo diferentes. Nesse contexto, as teorias se amoldam à natureza aqui e ali, mas há intervalos acerca dos quais nada se sabe. De tal modo, a natureza da ciência normal termina repentinamente com o início da "ciência revolucionária" e o desafio aberto do paradigma alternativo. Assim, discute-se a possibilidade de utilização de perspectivas teóricas e metodológicas variadas. Neste ponto, devemos repensar limitações como: existe outro mundo além do meu? Todos estão vendo o mesmo mundo? Enfim, tudo é construído a partir da subjetividade, seja a compreensão a respeito de como o conhecimento é arquitetado ou como o fato social é visto e entendido, por exemplo.

Adicionalmente, nesse sentido, as metodologias de pesquisas empregadas nas ciências sociais podem ser associadas ao estudo da vida em sociedade da mesma forma como tratam o estudo do mundo natural, como sugerido por Durkheim (1972). A sociedade humana e o mundo natural são tratados da mesma maneira, como algo concreto, real e externo ao indivíduo. O Pós-modernismo vem tratar de uma realidade baseada não em encontrar respostas para problemas, mas em `problematizar´ respostas encontradas.

Entender o que é um paradigma, como se constitui e de que forma é pensado no ambiente científico é essencial para se construir ciência. Apesar de ser delineado nas Ciências Sociais, o paradigma acaba sendo o ponto de partida para qualquer debate sobre construção do conhecimento. Nesse sentido, a primeira inquietação seria de como se aproximar mais da realidade paradigmática do campo da Ciência da Administração? Buscando um saber mais detalhado, metodologias mais precisas, poderia ser um início de chegar cada vez mais perto da realidade? As pesquisas nas Ciências Sociais trazem uma

pluralidade inerente em sua maneira de pensar devido ao seu objeto de estudo, exigindo assim uma pesquisa cada vez mais robusta, alinhada a outras Ciências e corroborada em Teorias sustentáveis.

Se fosse proposto uma visão instrumentalista da ciência como poderia inicialmente começar a realizar esse feito? Penso que o primeiro passo seria enriquecendo a forma de construção do conhecimento, em que os cientistas não se conservem no seu modo de praticar a ciência utilizando simplesmente o caminho já direcionado, mas tenham consciência do seu papel na construção do conhecimento e na busca por anomalias a serem entendidas e explicadas diante das suas particularidades. Os autores Bechara e Van de Ven (2011) fomentam o uso de triangulação de filosofias a fim de apreciar questões organizacionais mais holísticas, permitindo aos pesquisadores que apreciem as principais distinções entre as comunidades epistêmicas, considerando o valor das teorias e métodos "marginais" e confrontando a autoridade das narrativas tanto metodológicas (muitas vezes tratadas de forma trivial) como de pesquisa dominantes.

Em suma, o campo da Ciência da Administração é rico e precisa de constante renovação, de pensamentos múltiplos e distintos, para atingir seu auge de competência, principalmente nas pesquisas científicas. Que os movimentos “Pós” venham a contribuir cada vez mais de forma intensa aos saberes das Ciências Sociais, instituindo múltiplos paradigmas, ao ponto de constituir um encadeamento de conhecimentos sólidos e verificáveis.

4 EPISTEMOLOGIA E ADMINISTRAÇÃO

Quanto a dimensão epistemológica, essa discussão por muitas vezes passou sem interessar a maioria dos produtores de conhecimentos da administração. Talvez por se tratar de uma ciência social aplicada, ou quem sabe por falta de um questionamento sistematizado sobre si mesma, a administração cresceu ao longo de oito décadas quase sem nenhuma energia despendida para a construção de um discurso sistematizado sobre si. Enquanto isso, a epistemologia se transformava e ganhava uma nova configuração, dividindo-se em geral e específica (SERVA, 2014). Faria (2012) vem complementar com seu estudo apresentando as seis Dimensões Epistemológicas clássicas com profundidade e detalhamento (positivismo, funcionalismo, estruturalismo, fenomenologia, pragmatismo e materialismo histórico).

No entanto, nenhuma das demais dimensões ou de recursos bidimensionais se constitui em formas originais, únicas, com características definidas, em “modelos” ou “paradigmas” de produção do conhecimento no campo dos estudos na área de Administração. Seja porque ou são apenas utilizadas como forma de organização e exposição de resultados de elaboração teórica, ou porque ainda não desenvolveram um corpo epistêmico próprio capaz de defini-las como dimensões. A Dimensão Epistemológica é, sem dúvida, a única garantia de coerência na produção e desenvolvimento do conhecimento, porquanto é a partir desta instância que se estabelece o diálogo entre teorias, disciplinas e as ciências (FARIA, 2012).

Nesse contexto, demonstrar a criação de epistemologias específicas, para pôr fim tratar da epistemologia específica da administração indicando as possibilidades de contribuição dessa epistemologia para o aperfeiçoamento da teoria administrativa e do ensino da administração é primordial (SERVA, 2014). Entretanto, a conscientização a cerca

desse debate é tarefa de todos nós, atores do campo de produção de conhecimento científico na administração, de modo a contribuirmos para evitar que a administração seja vista como um campo que se encontra na "periferia da ciência social", como relata Serva (2014).

Quanto a **"Epistemologia da Administração"**, acredito que devemos refletir sobre a existência da Epistemologia na administração e não da administração. A administração corresponde a uma ciência plural, que não cabe amarras, logo como já dito anteriormente, as epistemologias tradicionais que serve como base para os estudos da área suprem a necessidade até o momento de explicar os seus fenômenos, sendo adaptadas e reformulados com esse fim. Logo, o mix de áreas trouxe uma riqueza imensurável para área, na qual naturalmente se conversar com diversas outras áreas na busca de um objetivo comum, construir conhecimento para a academia. Fazendo mister ressaltar que, a pesquisa deve assumir sua condição epistemológica como um estado inicial para, a partir dela, arguir os conceitos que utiliza.

Como fechamento desse debate, faz-se mister ressaltar que a administração possui um objeto de estudo prático e aplicável, pautado em uma área que tende muito para o empírico. Além disso, os estudos abordam diversas subáreas da administração que apresentam efetiva consistência teórica na qual trazem uma melhor visão de conjunto do campo da administração. Nesse contexto, devido a estarmos tratando de uma área tão rica de seguimentos, seria limitador da nossa parte instituir **uma única epistemologia da administração para subáreas tão distintas**. Reforçando o pensamento que não estamos na periferia do conhecimento, mas que utilizamos o conhecimento já existente em prol de construir algo maior e sólido que fosse capaz de respaldar a Ciência da Administração.

5 REFLEXÕES SOBRE MÉTODOS E TEORIAS EM ADMINISTRAÇÃO

A metodologia é a abordagem geral da pesquisa vinculada ao referencial teórico em uso, e isso pode ser distinguido do método, que se refere a modos sistemáticos, procedimentos ou ferramentas usadas para coleta e análise de dados. No entanto, é evidente que nossos métodos não podem ser divorciados de seu paradigma ou metodologia abrangente (DUBERLEY; JOHNSON, 2015). Sendo assim, na prática da pesquisa, na instrumentalização dos métodos a serem empregados, não há como dissociar a epistemologia e as teorias da metodologia a ser empregada nas pesquisas em Administração.

Compreender as implicações metodológicas das várias posturas filosóficas em que se baseia a pesquisa em Administração são essenciais para elaboração de uma boa reflexão. Em outras palavras, o estudo dos critérios epistemológicos são fundamentais na constituição do conhecimento científico (DUBERLEY; JOHNSON, 2015).

De forma resumida ao apresentar as metodologias podemos pontuar critérios importantes. Quanto a metodologia Positivista, esta mantém uma preocupação com validade interna, com a prova de causalidade e com a ênfase na generalização. O pesquisador positivista permanece um observador imparcial em relação ao seu sujeito de pesquisa, tendo como objetivo produzir conhecimento generalizável. Por fim, vale ressaltar que assumir que toda pesquisa qualitativa é necessariamente anti-positivista seria uma postura equivocada. Já a metodologia neo-positivista apresenta um processo de pesquisa máximo e transparente, caracterizado pela objetividade e neutralidade (DUBERLEY; JOHNSON, 2015).

A metodologia Interpretativista implica em acessar e compreender os significados e interpretações reais que os atores subjetivamente atribuem aos fenômenos para descrever e explicar seu comportamento investigando como eles experimentam, sustentam e se articulam (DUBERLEY; JOHNSON, 2015).

A Fenomenologia Hermenêutica vê o significado como ligado diretamente ao contexto, sendo o círculo hermenêutico focado na interação da interpretação. Nessa metodologia o pesquisador é encorajado a refletir sobre seu papel no processo de pesquisa e considerar suas possíveis suposições e vieses (DUBERLEY; JOHNSON, 2015).

No que se refere a Teoria Crítica e a metodologia o pesquisador não é mais o observador neutro. O papel do teórico crítico é criticar essas formas de cientificismo e criar oportunidades de mudança. Os resultados da pesquisa são influenciados pela subjetividade do cientista social e seu modo de engajamento, o que leva à produção de diferentes versões de uma realidade independentemente existente que nunca podemos conhecer plenamente; o diálogo contínuo entre pesquisador e pesquisado deve ser mantido durante todo o processo. Já os realistas críticos tentam, através de suas pesquisas, identificar e compreender esses mecanismos causais (DUBERLEY; JOHNSON, 2015).

Para os Pós-Modernistas a realidade pode ter um número infinito de atributos, uma vez que existem tantas realidades quanto formas de perceber e explicar. O pós-modernismo exige que os pesquisadores sejam céticos sobre como eles se envolvem com o mundo, as categorias que eles empregam, as suposições que fazem e as interpretações que impõem. Naturalmente, pode não ser possível traçar tais limites na prática, o desafio não é ser capaz de encaixar a abordagem de pesquisa da pessoa em qualquer categoria específica, mas garantir níveis de auto reflexividade e consciência para mostrar as várias maneiras pelas quais nossas suposições filosóficas influenciam nossa pesquisa (DUBERLEY; JOHNSON, 2015).

Diante dessas ricas posturas metodológicas, torna-se necessário um exame crítico na elaboração da pesquisa organizacional, ao ponto de substituir premissa irrealista por uma alternativa que incorpora uma visão mais razoável da capacidade cognitiva do pesquisador e do objeto. Mover-se para um raciocínio sólido requer a interação de critérios normativos, descritivos e pré escritos, conforme Mantere e Ketokivi (2013). Somente considerando todos os três podemos desenvolver um conjunto de critérios que sejam abrangentes, razoáveis e operacionais nas bases do conhecimento da organização. Embora possamos nos voltar para as autoridades em outros campos de pesquisa para obter insight e reflexão, a construção dos critérios em seus respectivos contextos. De fato, ao considerar os aspectos cognitivos do raciocínio, podemos não apenas descobrir formas novas e acionáveis de rigor, mas também perceber que há, de fato, muito do que podemos concordar sobre o fundamento prescritivo (MANTERE; KETOKIVI, 2013).

Suddaby, Hardy e Huy (2011) enfatizaram que são poucos os manuscritos que em oferecem novas teorias de organização, alegando que a ampliação desses manuscritos seja uma expectativa excessivamente ambiciosa. O artigos oferecem uma crítica implícita das teorias contemporâneas das organizações, em que citam não conseguir desenvolver sua própria teoria, ou que suas teorias não capturam os ricos manifestação das organizações na sociedade, ou ainda que a pesquisa e teorização são inerentemente conservadoras prática. Porém, algumas mais otimistas oferecem uma direção clara para frente identificando um poderoso conjunto de sugestões sobre como podemos gerar nova teoria (SUDDABY; HARDY; HUY, 2011). Em suma, os autores apontam uma necessidade de nos tornarmos mais atentos e auto reflexivo em relação ao processo de criação de teorias.

Muitas dessas teorias devem suas origens à escrita na Europa, onde reflete um ambiente em que a pesquisa organizacional é comumente associada a abordagens macrodirecionais, críticas, voluntaristas e / ou processuais, com o ecletismo e com receptividade a perspectivas paradigmáticas alternativas. Em vez de fazer chamadas recorrentes por "novas e excitantes teorias", a visão é de que os principais periódicos devem ter uma visão analítica mais retrospectiva e politicamente mais ampla ao explicar o desenvolvimento da teoria. Isso forneceria maior credibilidade contextual para reflexões sobre o status da teoria organizacional (HASSARD; COX; ROWLINSON, 2013).

Hassard, Cox e Rowlinson (2013) elencam que o cultivo de uma abordagem retrospectiva de teorias de organização e gestão nas últimas décadas tornou-se imprescindível. O ponto de partida seria uma tese para explicar os princípios filosóficos nos quais os principais paradigmas são predicados. Por sua vez, isso formaria a base de uma ampla investigação teórica que delinearia a composição e a evolução dos domínios de pesquisa constituintes.

É possível unir aspectos de caráter teórico e epistemológicos ao método das pesquisas científicas em Administração? Sim! Esse é um desafio cada vez mais cobrado pelo mundo acadêmico, ser capaz de encaixar a abordagem de pesquisa em qualquer categoria específica, garantindo níveis de auto consciência e reflexividade para mostrar as várias maneiras pelas quais nossas suposições filosóficas influenciaram nossa pesquisa e nossa forma de construir a metodologia em particular, encorajando pesquisadores a sair de sua "zona de conforto " para considerar meios alternativos (DUBERLEY; JOHNSON, 2015; MANTERE; KETOKIVI, 2013). De tal modo, torna-se necessário mudar a perspectiva da concepção da pesquisa, tornando-a mais robusta em sua fundamentação e buscando inovar na maneira de alinhar as teorias e epistemologias ao método a ser empregado.

Outro elemento chave na discussão sobre pesquisa na área das Ciências Sociais seria a interação entre a filosofia da Ciência Social e a filosofia geral da ciência, em que o uso mais extensivo dessas literaturas e a troca de saberes seria muito benéfico (BOUWEL; WEBER, 2011) para a construção do conhecimento. Assim, ao iniciarmos um estudo, a sua apuração, busca por suas causas e quantificações/medições devem estar atrelados a essência do objetivo propôs. Qualquer aspirações para um mundo social melhor, sejam elas o alívio das desigualdades ou a promoção da riqueza, devem explícita ou implicitamente se basear em crenças sobre as causas e os efeitos dentro do campo de ação da Ciência Social (STEEL, 2011).

O campo já é consciente da relação entre a filosofia e metodologia; e, da necessidade de um engajamento crítico que as escolhas metodológicas podem criar. Se realmente queremos novas teorias, precisamos buscar a originalidade e refletir sobre a natureza da tarefa metodologia (HASSARD; COX; ROWLINSON, 2013).

Por sua vez, à medida que as barreiras entre a teoria e o método se dissolvem, o mesmo ocorre entre a filosofia e a ciência (ZYPHUR; PIERIDES; ROFFE, 2015). Sendo de grande importância despertar que, um dos fatores que prejudicam as pesquisas nas Ciências Sociais, principalmente em Administração, são os relatos descontextualizados, abstraídos e a-históricos de 'melhores práticas' que produzem pesquisas irrelevantes e não criativas, que estão desconectadas da vida organizacional e da prática da própria pesquisa. **Porém, o que pode causar isto?** Um dos motivos pode estar relacionado com a desconsideração de um dos pilares (paradigma, epistemologia, teoria ou método) na construção da pesquisa.

REFERÊNCIAS

DAMKE, E. J.; WALTER, S. A.; SILVA, E. D. A Administração é uma ciência? Reflexões epistemológicas acerca de sua cientificidade. **Revista de Ciências da Administração**, v. 12, n. 28, p. 127-146, 2010.

DOUGLAS, H. Facts, values, and objectivity. In: JARVIER, I. C.; ZAMORA-BONILLA, J. (Ed.). **The SAGE handbook of the philosophy of social sciences.** 1. Ed. London, Thousand Oaks, CA & New Dehli: Sage Publications, 2011. p. 513-529.

DUBERLEY, J. JOHNSON, P. Methodology: philosophical underpinnings and their implications. In: MIR, R. WILLMOTT, H.; GREENWOOD, M.(Ed.). **The Routledge companion to philosophy in organizations studies.** London: Routledg, 2015. P. 66- 83.

FARIA, J. H. Dimensões da matriz epistemológica em estudos em Administração: uma proposição. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, 36, 2012, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2012. 1 CD-ROM.

HASSARD, J.; COX, J. W.; ROWLINSON, M. Where are the old theories of organization? Propects for retrospection in organization theory. **Academy os Management Review**, v. 38, n. 2, p. 309-313, 2013.

MANTERE, S.; KETOKIVI, M. Reasoning in organization Science. **Academy os Management Review**, v. 38, n. 1, p. 70-89, 2013.

MATTOS, P. L. C. L. "Administração é ciência ou arte?" O que podemos aprender com este mal-entendido? **Revista de Administração de Empresas**, v. 49, n. 3, p. 349-360, 2009.

SERVA, M. O surgimento e o desenvolvimento da Epistemologia da Administração – inferências sobre a contribuição ao aperfeiçoamento da teoria administrativa. **Revista Gestão Organizacional**, v. 6, n. 3, p. 52-64, 2013b.

STEEL, D. Causality, causal models, and social mechanisms. In: JARVIER, I. C.; ZAMORA-BONILLA, J. (Ed.). **The SAGE handbook of the philosophy of social sciences.** 1. Ed. London, Thousand Oaks, CA & New Dehli: Sage Publications, 2011. p. 632-646.

SUDDABY, R.; HARDY, C; HUY, Q. N. Where are the new theories of organization? **Academy os Management Review**, v. 36, n. 2, p. 236-246, 2011.

ZYPHUR, M. J.; PIERIDES, D. C.; ROFFE, J. Measurement and statistics in 'Organizational Science': philosophical, sociological and historical perspectives. In: MIR, R.; WILLMOTT, H.; GREENWOOD, M. (Ed.). **The Routledge companion to philosophy in organization studies.** London: Routledge, 2015. p. 474-482.